O USO DE ENTORPECENTES NA ADOLESCÊNCIA

*OLIVEIRA**, Daniele Lopes.
*BARCO***, Juliana Alexandra P. de C.

RESUMO: O papel da família e do poder público no processo das transformações sofridas pelo adolescente na sua fase de transição, sendo uma fase de imensas crises existenciais, passando por uma etapa de insegurança, em que o adolescente passa por período de profundas mudanças, no qual impõem ao jovem adaptação, pois as suas referências históricas são rompidas e um novo caminho é traçado. Essas modificações de comportamento do adolescente, no qual, deixa ele mais vulnerável aos perigos que o rodeiam, principalmente enfrentando dificuldades de ordem pessoal ou familiar, são os reais motivos que o levam a seguirem o caminho do uso de entorpecentes.

Palavras-Chaves: Adolescente,

entorpecentes, comportamento.

ABSTRACT: The role of family and government in the process of change suffered by adolescents in their transition phase, a phase of huge existential crisis, going through a phase of insecurity, teenager goes through that period of profound change, which require adaptation to the young, because their historical references are broken and a new line is drawn. These changes in behavior adolescent, which leaves him more vulnerable to the dangers surrounding, mainly struggling to personal or family, are the real reasons that lead him to follow the path of using narcotics.

Key Words: Adolescent, drugs, behavior.

INTRODUÇÃO

O trabalho refere-se ao uso de entorpecentes na adolescência, seus impactos no âmbito familiar, e quais os reais motivos que os levam a seguirem este caminho e principalmente o papel da família e do poder público no processo de modificação de comportamento do adolescente. Buscamos conhecer as transformações sofridas pelo adolescente nesta fase de transição, buscando sua identidade, elaborando seus lutos e querendo se auto-afirmar. Este momento deixa o jovem mais vulnerável aos perigos que o rodeiam principalmente se estiverem enfrentando dificuldades de ordem pessoal ou familiar.

A palavra *adolescer* vem do latim e significa “crescer, en-

*Daniele Lopes Oliveira, Mestre em Ecologia e Produção Sustentável-UCG, Graduada em Direito-UCG, especialista em Docência Superior Faculdade Lions e Professora da Faculdade Delta (danielelopes_oliveira@hotmail.com).

**Juliana Alexandra P. de C. Barco, Mestre em Ecologia e Produção Sustentável-UCG, Graduada em Geografia, especialista em Formação Sócio Econômica do Brasil e Professora da Faculdade Delta e Fasam.

grossar, tornar-se maior, atingir a maioria” (TIBA, 1985), significando a condição de processo de crescimento. Em resumo o indivíduo apto para crescer. Nery Filho e Torres (2002) mostram que a adolescência é um período de profundas transformações que impõe ao jovem grandes exigências de adaptações, é uma fase de imensas crises existenciais, onde o adolescente passa por uma etapa de insegurança por sentir-se impelido de abandonar o ponto de partida em que referenciais históricos são rompidos e um novo caminho traçado.

O adolescente é um viajante que deixou um lugar e ainda não chegou no seguinte. Vive um intervalo entre liberdades anteriores e responsabilidades; vive uma última hesitação antes dos sérios compromissos da fase adulta (LOSACCO, 2005 p.69).

Quando estão à procura de sua própria identidade é o momento em que querem ser reconhecidos por serem eles mesmos e não mais filhos de alguém. Começam a questionar as normas da casa, tentam escolher seu próprio caminho. Na busca de sua identidade passam a ter idéias e ideais próprios, deixando de se espelhar apenas nos pais para se deixar influenciar também pelo grupo de amigos.

Uma questão fundamental na adolescência é a separação e a individualização do adolescente em relação à família. O estresse e a ansiedade advindos dessa fase aumentam a vulnerabilidade dos adolescentes à pressão dos amigos. Se por um lado ganham autonomia em relação a seus pais, por outro lado adquirem uma forte aliança com seus colegas. Nesse movimento, a influência do

grupo e a “modelagem”, isto é, a imitação de determinados comportamentos a partir de um ídolo, que em geral é o líder do grupo, tornam-se especialmente importantes.

É importante frisar, que as imensas transformações durante este período não se estabelece apenas com o adolescente, a família também passa por um processo de estranhamento diante de tal fase. Segundo Outeiral (1994 p.16) uma das tarefas centrais da adolescência é a independização. Esta não é uma ruptura com a família, mas sim a transformação de vínculos infantis de relacionamento por um outro tipo de vínculo mais maduro, mais independente e mais adulto.

2. CONFLITOS NO PERÍODO DE TRANSIÇÃO

Entende-se que a adolescência é uma fase conflituosa da vida devido às transformações biológicas e psicológicas vividas. Surgem as curiosidades, os questionamentos, à vontade de conhecer, de experimentar o novo mesmo sabendo dos riscos, e um sentimento de ser capaz de tomar as suas próprias decisões. É o momento em que o adolescente procura a sua identidade, não mais se baseando apenas nas orientações dos pais, mas também, nas relações que constrói com o grupo social no qual está inserido. Criando novos laços afetivos encontrando assim sua própria identidade num processo de interação social. Muitas vezes a droga aparece na adolescência como uma ponte que permite o estabelecimento de laços sociais, propiciando ao indivíduo o pertencimento a um determinado grupo de iguais, ao tempo que

buscam novos ideais e novos vínculos, diferentes do seu grupo familiar de origem (NERY FILHO e TORRES, 2002 p.31).

3. PARTICIPAÇÃO DO PODER PÚBLICO

Os poderes públicos, de fato, têm se utilizado de modalidades que possam intervir nos comportamentos humanos na busca da correção de desvios de padrões dos sujeitos. Em 1980, atendendo a Lei nº 6.368, são criados pelo Decreto nº 85.110 os primeiros órgãos governamentais ligados à questão das drogas no Brasil: o Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN), os Conselhos Estaduais de Entorpecentes (CONENS) e os Conselhos Municipais de Entorpecentes (COMENS). Essa lei norteou a política de drogas no país, porém reduzida à inibição somente das drogas ilícitas, conforme acordado em convenções internacionais. Embora a formulação de uma Política Nacional sobre Drogas estivesse em pauta desde os anos 80, somente se concretizou em 2001, a partir da Política Nacional Antidrogas (PNAD). Foi criado em 13 de junho de 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Lei nº 8.069, com objetivo de estabelecer os deveres da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público em assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos com a criança e o adolescente referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, a dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária (Art.4º do ECA.1990).

Mesmo com a criação do

(ECA,1990), ainda nos deparamos com situações críticas com relação ao envolvimento de adolescentes com o uso de entorpecentes, que vem se agravando a cada dia, significando assim que o poder público tem deixado muito a desejar com relação a elaboração e execução de projetos em prol desses menores.

A decisão de ter filhos é algo compartilhado pelo casal, que podem controlar ou não esse ter, sendo de responsabilidade de ambos em cuidar dos filhos desde o seu nascimento. Em suma, não há mais distinção por sexo, todos fazem à mesma coisa e se substituem com facilidade. Uma flexibilidade crescente á medida em que vão crescendo até que o mundo externo ganhe mais relevância do que o mundo doméstico. Conforme Freitas (2002), os pais que de um momento para o outro deixam de ter uma criança e defronta-se com um adolescente, geralmente sentem-se perdidos. A maturidade dos filhos sempre provoca nos pais uma condição conflituosa, pois a partir deste momento, devem abandonar as expectativas e imagem que criam para si frente ao filho.

Quando os pais aceitam que o filho precisa mostrar que é alguém com vontade própria e independente, essa fase ocorre de maneira mais tranqüila. Entretanto, muitos pais podem se sentir desautorizados e tendem a pressionar mais o filho, o que pode iniciar um verdadeiro cabo-de-guerra (SCIVOLETTO, 2004, p.34).

Conforme Caldeira (1999 p.16), as primeiras contestações, geralmente, ocorre no ambiente familiar, onde o adolescente começa a questionar comportamentos que lhes são impostos como

se fossem leis e passa a exigir da família e do ambiente que o cerca, respostas coerentes aos seus questionamentos. Isso significa a entrada do indivíduo numa nova realidade, com a qual ele vai se relacionar de forma particular e que lhe permitirá reconhecer-se enquanto sujeito.

Gorgulho (1996 p.163) acredita que numa situação de drogas entre adolescentes, a família pode ajudar reconhecendo sua parcela de participação no que está ocorrendo. Depositar toda responsabilidade no adolescente, ou como afirma Scivoletto (2002 p.72) nas “más companhias”, não só não solucionará o problema, como também não parece muito condizente com a realidade. A autora afirma que muitas vezes o uso de drogas torna-se veículo onde o adolescente grita por limites ausentes. “O adolescente tem de ser limitado, permitir que ele se desenvolva não é deixá-lo fazer o que bem entender”. Porém, muitos familiares tendem a ignorar o fato, reconhecendo a problemática apenas quando esta se agrava e foge do controle. A família, que é o eixo que move as relações sociais dos indivíduos. Quando a família busca orientação, informa-se e desmistifica conceitos estigmatizados pelo senso comum, as possibilidades de avanço no processo de tratamento do adolescente são consideráveis.

Ao descobrirem que o filho adolescente está usando drogas, alguns pais tendem a se sentir culpados, questionando-se onde erraram na educação do filho, o motivo de tal fato estar acontecendo com eles já que nunca deixaram faltar nada em casa. Outros pais buscam a internação de seus filhos esperando um método de

cura imediata. Há alguns que recebem a notícia acusando o grupo social a qual o filho pertence. Há ainda o álcool que não é encarado como droga. E para o filho ver o pai se embriagar e a mãe se dopar com calmantes se torna normal. Conforme afirma, Nery Filho e Torres (2002 p.29) “Além de sentimentos de angústia, desespero e impotência nos familiares, busca-se um culpado para o que, em geral, passa a ser um drama familiar”.

Neste sentido o acompanhamento familiar durante o tratamento do adolescente, independente do modelo abordado, vai repercutir nos resultados positivos do processo de sensibilização do usuário, e principalmente, a família acumula conhecimentos e cria condições de estabelecer um convívio familiar mais saudável. É nessa tentativa que o indivíduo se permite experimentar diversas situações, abstraindo dessas experiências para si, um novo sentido para a sua vida, redefinindo sentimentos e valores. É claro que essa nova consciência de si traz consigo uma série de experiências primeiras que, consciente e/ou inconscientemente, marcaram o vivido na infância desse indivíduo. E é esse novo sujeito que, dentro do contexto em que vive, assumirá novas formas de se posicionar diante da vida e de responsabilizar-se por si mesmo.

METODOLOGIA

O critério utilizado para o processo de elaboração execução e apresentação deste trabalho foram; pesquisas e levantamentos de dados colhidos em livros, artigos científicos e internet, tendo como objetivo conhecer melhor

alguns dos motivos que leva os adolescentes a se envolverem com o uso de entorpecentes. Segundo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei nº 8.069, criada em 13 de julho de 1990, prevê a seguinte disposição: é considerado adolescente aquele entre a faixa etária de 12 a 18 anos de idade. Um dos pontos levantados durante a pesquisa foi o que leva os adolescentes a se envolverem com as drogas e qual a participação da família e do poder público diante de tal situação. De acordo com a metodologia científica descrita por LAKATOS e MARCONI (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a adolescência é um período de profundas transformações físicas, sociais e psicológicas no qual ocorre a busca pela identidade e autonomia por parte do adolescente. Os filhos ao chegar à adolescência desprendem-se um pouco dos pais, não se influenciando apenas pela opinião deles, mas também, pela opinião do grupo de amigos com os quais estabelece relações. O grupo de amigos passa a ter bastante importância na vida do jovem, o qual se constitui um espaço de semelhantes, onde se discute o mesmo assunto, enfim, um espaço em que eles se encontram e se entendem. De acordo com os autores utilizados no decorrer deste estudo, a adolescência é uma fase de constantes curiosidades, onde o jovem sente vontade de experimentar coisas novas, de conhecer o mundo. E é nesse desejo por experimentar que ele vai ao encontro das drogas.

A droga aparece como um atrativo para o adolescente que

pode estar vivenciando uma relação conflituosa com a família, ou estar sofrendo influência da própria família ou do grupo de amigos. Quando a droga surge, os conflitos sofridos na adolescência se atenuam e são sentidos na família, causando um abalo na estrutura familiar. Pretendíamos com este estudo analisar a dependência química na adolescência, seus impactos no âmbito familiar, e o papel da família no processo de tratamento do adolescente. Nesse sentido, podemos concluir que a família é peça fundamental no processo de tratamento do adolescente, uma vez que o acompanhamento familiar faz com que a mesma se aproxime mais do adolescente e ambos passem a se entender mais e situações como o diálogo e a amizade surjam nesse processo. Enfim a família é a base e a sustentação capaz de tolerar os problemas advindos desta situação, pois a existência do uso de drogas por um membro da família promove um desequilíbrio estrutural familiar e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição Federal Brasileira. Outubro de 1988. Disponível em http://www.senado.gov.br/web/senador/alvarodi/b_menu_esquerdo/4_biblioteca_virtual/ConstituicaoFederal.pdf. Acesso em 29 de nov 2006.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei n. 8.069, de julho de 1990. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso em 26 de out 2006.

CALDEIRA, Zélia Freire. Drogas, indivíduo e família: um estudo de relações singulares. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 1999. Disponível em <http://portaldes.cict.fiocruz.br>. Acesso em 16 out 2006

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069, Brasília 2008.

CAVALCANTE, Antônio Mourão. Drogas, esse barato sai caro: os caminhos da prevenção. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

FILHO, Antônio Nery e TORRES, Inês Maria Antunes Paes. (orgs). Drogas: isso lhe interessa? Confira aqui. Salvador: CETAD/UFBA/CPTT/PMV, 2002.

FREITAS, Luiz Alberto Pereira de. Adolescência, família e drogas: a função paterna e a questão dos limites. Rio de Janeiro: Muad, 2002.

GORGULHO, Mônica. Adolescência e toxicomania. IN: FILHO, Dartiu Xavier da Siqueira e GORGULHO, Mônica. Dependência: compreensão e assistência às toxicomanias: uma experiência do PROAD. São Paulo: Casa do psicólogo, 1996.

MARCONI/LAKATOS. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Ed.6ª, Editora Atlas 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Coordenação Nacional de DST e AIDS. Manual de redução de danos. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

OUTEIRAL, José Ottoni. Adolescência: estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

SCIVOLETTO, Sandra. A adolescência. IN: BELYK, B; BACY, Fleitlich [et al]. Saúde mental do jovem brasileiro. São Paulo: EI – Editora Inteligente, 2004.

SCIVOLETTO, Sandra. MORIHISA, R. S. Conceitos básicos em dependência de álcool e outras drogas na adolescência. J Bras Dep Quím 2001 (supl 1): 30-33. Disponível em: <http://www.grea.org.br/artigos.html> Acesso em 15 de agosto de 2006.

FONTES CONSULTADAS

Disponível em: <http://w.w.w.monografia.brasilecola.com/sociologia/us-drogas-na-adolescência/acesso> em: 19 set.2009.

Disponível em: <http://w.w.w.impactos.org/drogas/acesso> em: 19 set.2009.

Disponível em: <http://br.monografia.com/trabalho/mundo-das-drogas.shtml/> acesso em: 27 set.2009.

Disponível em: w.w.w.opovo.com.br/acesso em: 27 set.2009.

Disponível em: w.w.w.sobresites.com/dependência/acesso em: 27 set.2009.

Disponível em: w.w.w.googleacademicos.com.br/acesso em: 04 out.2009.

Disponível em: w.w.w.scielo.br/acesso em: 04 out.2009.

Disponível em: <http://diganao-aerotizacaoinfantil.wordpress.com/2007/08/08/drogas-quando-a-vitima-e-o-adolescente/> 06 out.2009.